UCLA
Mester

Title

A Grande Contradiçao da América do Sul Lusófona: De quem sao as verdades vividas que nao estamos a contar? Uma análise comparativa de Cidade de Deus (2002), de Meirelles, e Afro-Paradise (2016), de Smith

Permalink

https://escholarship.org/uc/item/11n361m4

Journal

Mester, 54(0)

Author

Yearwood, Andraya

Publication Date

2025-12-12

DOI

10.5070/M3.41990

Copyright Information

This work is made available under the terms of a Creative Commons Attribution-NonCommercial License, available at https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/

eScholarship.org Powered by the California Digital Library
University of California

A Grande Contradição da América do Sul Lusófona: De quem são as verdades vividas que não estamos a contar? Uma análise comparativa de *Cidade de Deus* (2002), de Meirelles, e *Afro-Paradise* (2016), de Smith

Andraya Yearwood[1]

INTRODUÇÃO

Na hora de pensar em como passar as férias de verão ou como descansar em março, o Brasil quase nunca é deixado de fora da conversa. É um dos países com as praias mais emblemáticas no planeta e tem a reputação de realizar anualmente um dos festivais mais famosos do mundo que atrai a uma multidão de pessoas. É bem comum, inclusive entre os brasileiros, ignorar a inerência do racismo e da discriminação contra os negros na construção de uma identidade nacional. Mas, na hora de acompanhar de perto a história do Brasil, entendemos as origens de uma hipocrisia tão generalizada e começamos a questionar o lugar dos que são habitualmente omitidos.

Embora a abolição da escravatura tenha acontecido em 1888, uma crítica antropológica e histórica do Brasil nos diria que a tortura dos corpos negros não recebeu o memorando. Durante os quase cinquenta anos que se seguiram à implementação do Projeto de Abolição da Escravatura, do Código Penal dos Estados Unidos do Brasil de 1890 e da admissão da capoeira em 1937, a liberdade religiosa dos afro-brasileiros só foi garantida por lei a partir de 1946. Antes disso, essas práticas religiosas enfrentaram forte repressão, sendo frequentemente criminalizadas e associadas a práticas de feitiçaria ou subversão. Até hoje, as comunidades afro-brasileiras ainda passam por disparidades raciais persistentes em termos de renda, acesso à educação e emprego, o que destaca a luta sem fim por uma preocupação genuína dos direitos humanos do povo afro-brasileiro[2]. A opressão contínua e permitida cometida contra os afro-brasileiros deixou impressões duradouras para todos que vivem no país.

Os esforços da justiça racial se concentram em quebrar estereótipos, abordar o racismo sistêmico e garantir a representação em espaços políticos, acadêmicos e culturais. Esse trabalho de resistência e igualdade pede que todos nós reconsideremos verdadeiramente o papel vital que a opressão racial desempenha na construção do Brasil como um Estado, com 45,3% da população do país (aproximadamente 92,1 milhões de pessoas) autodeclarada parda em 2022[3]. Com uma quantidade tão significativa de sua população se percebendo como descendentes de ancestrais africanos ocidentais e indígenas, por que ainda persiste uma ideologia de democracia racial tão amplamente difundida?

Cidade de Deus (2002), de Kátia Lund e Fernando Meirelles

Desenrolando-se em uma das favelas mais precárias do Rio de Janeiro, as décadas de 1960 e 1970 servem como oportunidade para as gangues e a polícia assumirem o controle do cotidiano dos habitantes. O filme segue a vida de dois garotos, um chamado de Buscapé [Rocket], e o outro chamado de Zé Pequeno [Li'l' Ze]. A história é contada a partir da narração de Buscapé. No início do filme, o público tem um entendimento da situação socioeconômica da Cidade de Deus por meio de três sessões cinematográficas representando cada década, de 1960 a 1980. O trabalho enorme que fizeram Lund e Meirelles apresenta a Cidade de Deus como uma área vulnerável e negligenciada onde traficantes de drogas comandam a comunidade e onde crianças matando crianças é uma ocorrência comum. A pobreza extrema, a superlotação sem aonde ir, a falta de necessidades básicas e a violência desenfreada são aspectos da vida de quem mora na Cidade de Deus. A obra feita pelos dois diretores espelha as questões sociais contemporâneas relativas ao colonialismo, relações raciais, religião e direitos humanos.

Ao longo do filme, nós vemos a prosperidade rápida de Zé Pequeno ao assumir o controle das gangues da Cidade de Deus, mesmo posicionando a si próprio como o rei, ou melhor dito, o chefão do tráfico da cidade. Ele erradica gangues rivais uma por uma, não deixando ninguém para se opor a ele. Enquanto isso, Buscapé é o oposto e não quer fazer parte disso. Ele cresceu vendo as atrocidades geradas por essas gangues e como resultado, desejava

um caminho melhor para si. Embora ele tenha se encontrado involuntariamente no meio da confusão da gangue, tudo o que ele gostaria de fazer era tirar fotos com sua câmera digital. Eu acho que a história de Buscapé reflete a vida de muitos meninos da Cidade de Deus e provavelmente das favelas em geral, que merecem uma trajetória de vida mais segura ao invés de serem vítimas de drogas ou guerras de gangues.

O filme é baseado no romance semi-autobiográfico de 1997 de Paulo Lins, que retrata a ascensão do crime organizado na Cidade de Deus, um bairro com condições de vida precárias do Rio de Janeiro. É importante notar que o bairro foi criado pelo governo federal do Brasil para realocar moradores de favelas do centro da cidade. Após um grande fluxo de pessoas para a vizinhança, aumentou prontamente o descaso do Estado e a convivência forçada com o tráfico de drogas. A aclamação internacional do filme vem da representação crua da vida cotidiana dos traficantes no Brasil, particularmente nas favelas do oeste do país. É bem evidente que muitas das personagens no filme, adolescentes e crianças afro-brasileiras, têm o conhecimento e a coragem adequada para evitar a vida de gangues, no entanto sendo essa realidade tão inerente nos caminhos da vida para muitos dos párias sociais, é quase impossível encontrar uma trajetória melhor.

A violência, a linguagem e o uso de drogas em *Cidade de Deus* (2002) servem como um comentário perturbador, porém necessário, sobre um problema social tão pervasivo no Brasil. O ciclo vicioso do estilo de vida das gangues é retratado com uma precisão assombrosa, provocando o público a simpatizar com a perversidade de alguns personagens. Até hoje, o filme é considerado uma das obras cinematográficas brasileiras mais importantes de todos os tempos[4]. Os diretores, Kátia Lund e Fernando Meirelles, decidiram contratar atores amadores das favelas do Rio de Janeiro, inclusive residentes da Cidade de Deus. Com a incorporação dos choques, emoção, sexo, violência e crítica social, esse filme serve como uma janela das realidades caracterizadas pelo isolamento social, econômico e racial, historicamente marginalizadas pela grande mídia.

Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil (2016), de Christen A. Smith

Fundamentando seu trabalho em mais de vinte anos de análise etnográfica no Brasil, em regiões como a Fazenda Grande do Retiro e Salvador da Bahia, Christen A. Smith une os aspectos sociais de raça, identidade e violência que constituem a precariedade distinta em que os afro-brasileiros se encontram. Com isso, ela fornece um relato interseccional da identidade afro-brasileira que desafia o mito da democracia racial e o suposto igualitarismo etnonacional da sociedade brasileira.

Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil argumenta que a sociedade brasileira mantém uma ideologia nociva de democracia racial, ao mesmo tempo em que, se envolve em violência estatal contra corpos negros, descrevendo esse paradoxo como uma "necropolítica racializada."[5] Organizado em torno de cinco interlúdios (transcrições de cenas específicas da peça do Choque Cultural) que precedem cada capítulo do livro: Interlúdio I: "Culture Shock," Interlúdio II: "The Berlin Wall," Interlúdio III: "Terrorism," Interlúdio IV: "The Police Raid," Interlúdio V: "Reprise," Smith posiciona cada seção como um espelho da política teatral nessa peça da vida dos afro-brasileiros e da diáspora africana transnacional. Para analisar de forma eficaz o cenário racial do Brasil, ela combina metodologias que normalmente não são vistas juntas, como a teoria de Fanon e Mbembe a DeCerteau e Bahktin, a descrição etnográfica profundamente colaborativa e a representação visual diversificada (gravação de vídeo, fotografias reais de violência contra os negros, página da Web on-line). Ela iniciou sua pesquisa com o ativista negro brasileiro Hamilton Borges dos Santos, o que a permitiu acompanhar de perto o desenvolvimento dos movimentos de base do início dos anos 2000 sob o slogan: "Reja ou Será Morto/Reaja ou Será Morta (Rise Up or Die!)".

A conceituação de Smith sobre o Afro-Paradise desafia estereótipos, revela histórias obscurecidas e dá lugar a uma percepção mais matizada das relações raciais. Ela destaca, com frequência, como os negros brasileiros são marginalizados nos contextos histórico e contemporâneo, questionando criticamente as narrativas dominantes sobre raça e racismo no Brasil[6]. De uma das mudanças mais ousadas e provocativas na sociopolítica afro-brasileira surgiu o Choque Cultural, uma trupe de teatro de base que produziu a peça "Pare Para Pensar [Stop to Think]," centrada na violência contra os negros por meio de uma performance em novembro de 2003. Ela não apenas critica o mito da democracia racial no Brasil, mas também destaca a resiliência e a capacidade de ação das comunidades negras no desafio às estruturas opressivas. Embora Smith use a peça

"Pare Para Pensar [Stop to Think]" para estruturar a análise do romance sobre a violência estatal contra os negros, ela também se aprofunda na história enraizada da violência contra os negros em todo o país.

Sua pesquisa oferece uma exploração completa do Movimento Negro na Bahia, Brasil, lançando luz sobre sua vitalidade e importância na luta contra o genocídio negro no século XXI. Situando a luta pela liberdade dos afro-brasileiros em um contexto internacional, Christen A. Smith garante que sua pesquisa esteja situada em um contexto transnacional de violência contra os negros, fornecendo uma visão panorâmica da opressão racista contra os corpos negros em todo o mundo, especialmente nos Estados Unidos. Ela fundamenta seu trabalho em uma abordagem feminista negra para entender a experiência racializada e de gênero, as formações sociais, as práticas de desempenho e os imaginários políticos dos negros brasileiros, investigando a longa história de violência contra os negros no Brasil. *Afro-Paradise* (2016) retrata com precisão a glorificação do Brasil como um paraíso, enquanto corpos afro-brasileiros estão sendo vilanizados e assassinados na mesma vizinhança. Isso nos força a perguntar: "paraíso" para quem, exatamente?

Análise Comparativa

O Brasil é frequentemente retratado como um "paraíso" devido à sua imagem idealizada de um país tropical e harmonioso, especialmente no que diz respeito às relações raciais e culturais. Tal imagem reforça a ideia de um espaço hedonista e acolhedor. Para entender profundamente o Brasil em oposição a sua caracterização popular como uma utopia intercultural, a reação cruel do estado do Rio de Janeiro às populações afro-brasileiras informa conceituações sobre como a raça e o gênero se tornam decididamente legíveis, dependendo do "contexto histórico, da realidade social e da epistemologia"[7] do Brasil durante os quinhentos anos da sua formação.

Sob uma perspectiva idealista do país sul-americano, as realidades do povo negro ficam em contraste com o Brasil que vemos nas redes sociais e na televisão. No entanto, Christen A. Smith, antropóloga e autora do livro *Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil* (2016), utiliza o conceito de "Afro-Paradise" para criticar essa narrativa falsificada, expondo as contradições entre a idealização do Brasil como um paraíso racial e cultural e a realidade da violência racial sistemática enfrentada pela população negra no país. Tal idealização perpetua ainda mais o dano físico nos corpos afro-brasileiros pelas mãos das forças policiais que funcionam como uma extensão do Estado.

Tal violência racial ficou visível no filme *Cidade de Deus* em 2002. Nos primeiros dois minutos do filme, mostra-se uma galinha fugindo dos moradores que tentavam prepará-la para o almoço, sendo perseguida por um grupo armado pelas ruas da favela Cidade de Deus. A galinha para entre a gangue e o jovem Buscapé, acreditando que a gangue o mataria caso ele não agarrasse a ave sob o seu comando. Quase todos os membros da gangue tinham uma arma de algum tipo, refletindo a onipresente violência que faz grande parte da vida cotidiana dos moradores dessa favela, inclusive os pré-adolescentes e adolescentes. Mais alguns minutos depois, houve um momento em que Marreco demonstra preocupação genuína com o futuro de Buscapé, reconhecendo que a vida que leva não oferece saída. Ele tenta orientar o irmão para seguir um caminho melhor. Enquanto conversam, Marreco diz: "Fica na escola. Isso aqui não é vida pra você."[8] Essa fala reflete o arrependimento de Marreco pelas suas escolhas destrutivas e o seu desejo de proteger Buscapé das dificuldades que ele próprio enfrenta. Não apenas a violência corre solta nas ruas das favelas, mas também a morte. Vemos isso na morte horrível de "Inho" e do "Menino Fogueteiro."[9] Um dos momentos mais impactantes do filme é quando Zé Pequeno força um garoto do bando, com cerca de 7-9 anos, a matar outro menino com mesma idade durante a guerra entre gangues. Essa cena reflete a normalização da violência como uma ferramenta para a estabilidade de poder e a corrupção da infância. Podemos ver a reprodução das estratégias danosas de controle que usam as polícias dentro da própria comunidade negra, como resultado direto da opressão sistêmica. As mortes em Cidade de Deus não são glamourizadas; pelo contrário, elas são retratadas de forma realista, provocando desconforto e reflexão. Muitas favelas — e cidades de forma mais ampla — dependem muito da contínua superexploração, do abandono e da morte social e física da população negra, apesar de há muito tempo ser celebrada como uma nação culturalmente hegemônica.

Essa dependência sociopolítica também tem a ver com o abuso de poder da atuação da polícia. Apenas alguns minutos depois no filme, nós testemunhamos o assassinato brutal de Cabeleira. Cabeleira era parte do grupo Trio Ternura, composto por três ladrões amadores — Cabeleira, Alicate e Marreco — que ganhavam a vida aterrorizando os negócios locais por dinheiro.

Gráfico I. (CDD 00:33.00) *Cidade de Deus*



Descrição: Cabeleira foi baleado por policiais que atendiam uma ocorrência nas proximidades. A turba curiosa de populares da comunidade se aproxima, seguida rapidamente por um fotógrafo de um jornal tirando fotos do cadáver ferido.

A cena mostrada acima reflete o momento em que o poder e a dor estão entrelaçados no não-ser negro. Os policiais mataram o Cabeleira sem olhar o seu alvo. Foi matar sem pensar, sem considerar. Uma reação automática. Imediatamente depois do tiro policial, veio um fotógrafo de jornal com a meta de capturar e publicar o ato violento. Ele não perguntou pelo estado de Cabeleira nem demonstrou consideração por seu bem-estar. Ao mesmo tempo, o fotógrafo está romantizando e normalizando este ato de violência através de tirar fotos e não está demonstrando a menor empatia. Isso exemplifica o que Christen A. Smith descreve sobre a negritude como um local de impotência[10]. O "paraíso" é sustentado por uma estrutura de poder racializada que subjuga corpos negros, tanto simbolicamente quanto literalmente, por meio de práticas como encarceramento em massa, letalidade policial e homicídios inerentes. O trabalho de Smith afirma que há uma impossibilidade de verdadeira cidadania negra e igualdade racial no Brasil contemporâneo[11], confrontando assim a narrativa nacional que sugere que houve progresso. "Connotatively, the image associates blackness with criminality, victimhood, and powerlessness, and whiteness with authority, the state, prowess (the rope), and control [Conotativamente, a imagem associa a negritude à criminalidade, à vitimização e à impotência, e a brancura à autoridade, ao estado, à proeza (a corda) e ao controle]."[12] Esse retrato do mito da democracia racial continua por causa do discurso generalizado que equipara a crise e o crime à negritude, a fim de apoiar a segregação racial durante as festividades do carnaval. O uso de força violência excessiva (física e metafórica) nos corpos negros durante todo o ano no país destaca ainda mais o constante estado de emergência em que os afro-brasileiros se encontram.

Gráfico II. (CDD 00:08.22) *Cidade de Deus*



Descrição: Fotografia de vista panorâmica dos conjuntos habitacionais recém-construídos no período de 1960 a 1965, a seguir da política de remoção de favelas. Implementada pelo então governador estadual da Guanabara, Carlos Lacerda, tal relocalização da classe trabalhadora só favoreceu às vantagens para a classe média, em detrimento da atenção às reais necessidades da maioria da população.

"...a rapaziada do governo não brincava. Não tem onde morar? Manda pra Cidade de Deus. Lá não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha ônibus, mas pro governo e os ricos, não importava o nosso problema. Como eu disse, a Cidade de Deus fica muito longe do cartão postal do Rio de Janeiro. (Lund e Meirelles, 2002)"

As favelas do Brasil são tipicamente deixadas fora da conversa sobre a atribuição dos recursos, as possibilidades de financiamento, as reformas estruturais e a qualidade da educação. Para uma grande parte da população brasileira, as favelas são vistas como um colírio para os olhos de alguém. A citação acima é tomada do longa-metragem, em particular de uma cena em que é mostrado o ambiente de vida dos moradores, que são principalmente pessoas negras, na Cidade de Deus na década de 1960. O narrador do filme, Buscapé, está descrevendo a situação atual na cidade, enquanto aparecem algumas imagens da comunidade. Uma grande quantidade de pessoas sem-teto recebeu casas feitas e cedidas pelo governo durante os anos 1960-1965, no

entanto lá, essas construções são isoladas, sem saneamento básico, água, transporte, ou comércio. Nada. A favela atual foi se construindo ao redor dessas casas.

As imagens retratam um lugar numa grave situação socioeconômica, com as casas idênticas e simples, quase sem nenhuma decoração distinta. Muitas delas são casas térreas sem jardim nem quintal. No Gráfico II, é evidente que não tem mercearia nem centro comercial como São Paulo ou Rio de Janeiro. Estas imagens demonstram a vida precária que vivem os moradores da Cidade de Deus. No caso de muitas famílias, assim como a de Buscapé, grandes inundações e atos incendiários tomaram muito do que eles tinham, forçando êxodo em massa. Muitas delas carregando maletas onde cabia a pouca roupa que tinham, conduzindo carruagens de cavalos cheias de bagagem ou caminhando plenamente, rostos cheios de exaustão, mas em busca da esperança e prosperidade. Mas desde a sua chegada, à comunidade faltavam necessidades básicas como eletricidade, estradas pavimentadas e transporte adequado, enquanto a elite rica parecia em grande parte alheia a essas questões. Muitas das pessoas estão com vestimentas simples, em grande contraste com a qualidade suficiente do vestuário que deve ser usado. Estas demonstrações de luta socioeconômica tornam falsa a história recontada de uma democracia racial no Brasil, interrogando as ideologias construídas do poder e da democracia formal (o discurso da igualdade, equidade e justiça), contra o contexto da violência real.

Com cerca de 10 anos, Buscapé destaca o forte contraste entre a imagem glamourosa do Rio de Janeiro frequentemente retratada para o mundo exterior e a dura realidade de pobreza e negligência vivida por muitos moradores de áreas marginalizadas, como a Cidade de Deus. O "cartão postal do Rio de Janeiro"[13] se refere à bela imagem estereotipada do RJ, frequentemente vista em fotos de turistas, com suas praias, montanhas e a cultura do Carnaval. A imagem internacional do Brasil é elogiada como um paraíso tropical para os estrangeiros desfrutarem, principalmente norte-americanos e europeus. O povo e a cultura afro-brasileiras passaram a ser comercializadas para manter uma democracia racial diante das oportunidades econômicas, o que é especialmente predominante quando imaginamos o Carnaval do Brasil, o samba ou a vida na praia. Esse mito serve como o produto perfeito do tropicalismo ao entoar o lema fabricado "a vida é um carnaval," confundindo nuances dentro da mistura de identidade racial, expressões culturais e narrativas nacionais.

Com uma história profunda de exotificação, exclusão material e genocídio negro durante a construção da nação, o Brasil era apresentado como "paraíso," uma falsificação que esconde as desigualdades raciais e a violência estrutural enfrentada pela população negra. O termo "Afro-Paradise" reflete a tensão entre a celebração da cultura afro-brasileira e a desvalorização da vida negra, revelando as profundas contradições do mito de uma democracia racial no Brasil. Reunindo temas de interseccionalidade e etnografia de baixo para cima para afirmar a inerência da sobrevivência afro-brasileira em uma discussão sobre a guerra contra os seres negros, a renomeação de Smith do Brasil como Afro-Paradise desafia estereótipos tangíveis e prejudiciais, revela histórias obscurecidas e abre caminho para uma percepção mais matizada das relações raciais, da identidade e do desempenho afro-brasileiros. Também abordo essa realidade afro-brasileira através de uma aplicação "esquizo-dinámico [esquizodinâmico]" que declara que muitas cidades latino-americanas e do Caribe têm se tornando "destinos turísticos, algunos más que otro, esencialmente concebido por el 'mundo exterior' como un lugar políticamente voluble pero fascinante y romántico [destinos turísticos, alguns mais do que outros, essencialmente concebidos pelo "mundo exterior" como um lugar politicamente inconstante, mas fascinante e romântico]."[14] Smith sugere que o "paraíso" brasileiro é construído às custas da população negra, que é exotificada culturalmente, mas ao mesmo tempo marginalizada e alvo de violência sistêmica. Ela chama atenção para a performance de um Brasil inclusivo, enquanto práticas de genocídio, violência policial e exclusão social contra pessoas negras continuam a ocorrer.

PARA ENCERRAR

Ao analisar os impactos contínuos do comércio transatlântico de pessoas escravizadas do século XVI na vida e na existência dos negros contemporâneos, passamos a examinar como o legado da escravidão molda a identidade, a memória e a política de sobrevivência de seres negros. Os dois trabalhos, *Cidade de Deus* (2002) e *Afro-Paradise* (2016) servem como exemplos cruciais do impacto das forças sociais — racismo estrutural, violência policial (grupo de extermínio), identidade racial utópica e inclusive apropriação cultural — que fornece um guia sobre quem o estado considera inválido ou beligerante e como. Ao pensar na compreensão de Smith sobre a sobrevivência afro-brasileira contra a brutalidade policial, somos convidados a considerar a população afro-brasileira que perseverou apesar das tentativas contínuas de apagamento histórico e futuro. Localizando a vida afro-brasileira no contexto da construção de um estado-nação, é evidente a imposição de estruturas de poder branco e de policiamento que aterrorizam as comunidades negras desde a concepção de uma identidade brasileira. Essa análise de mídia mista (literária e cinematográfica) busca contribuir com a reconstrução de noções preconcebidas sobre o que é a Negritude, o que a Negritude traz ao mundo e a liberação, a imaginação e a magia que a Negritude representa.

A crítica central do Estado-nação brasileiro é seu papel ativo na determinação da política racial anti-negra, que predestina as comunidades-alvo a homicídios e crimes violentos, colocando efetivamente toda uma classe de pessoas em um estado constante de carceragem. A cultura negra é celebrada em contextos turísticos e culturais, mas como é visto nas cenas de *Cidade de Deus* (2002) e na literatura de *Afro-Paradise* (2016), as vidas negras são desvalorizadas e frequentemente marcadas por pobreza, violência policial e discriminação racializada/de gênero.

Os dois trabalhos utilizaram métodos com raízes na antropologia sociocultural e etnografia, concentrando nas vivências verdadeiras do povo racializado por meio da prática e cultura violenta. Ao ler *Afro-Paradise* (2016) e assistir *Cidade de Deus* (2002), me lembrei das maneiras pelas quais a disciplina acadêmica da antropologia, bem como a antropologia etnográfica mais especificamente, têm implicações fundamentais para a construção do futuro e da liberdade das comunidades marginalizadas que a disciplina estuda. O projeto antropológico deve significar algo para a comunidade onde a investigação está sendo feita, se essa comunidade considerar participar da pesquisa. A dissertação, o livro e o artigo de pesquisa devem "retribuir" a essa comunidade. Esta forma de incorporação da antropologia — arqueologia, biológica, sociocultural e linguística — gera novas perguntas que expandem os quatro principais campos da antropologia em várias direções, aprimorando nossa compreensão da interseccionalidade (raça, gênero, sexualidade e classe) em relação aos movimentos abolicionistas, ao colonialismo, à (in)capacidade, à medicalização, à lei, à misoginia e à violência. É isso que precisamos que o futuro da antropologia, especialmente a etnografia, continue fazendo.

NOTAS DE FIM

[1] Andraya Yearwood's is a linguistic anthropologist with regional expertise in South America, her research interests include the discourse analysis of gendered and racialized language; queer theories of identity; studies of intersectionality and embodiment; and the structural characteristics of minority dialects. Yearwood's writings have been featured in *Black Feminist Collective, Lee & Low Books Inc.*, University of North Carolina Press, and Journal of the Linguistics Association of Britain, drawing close links between academia and community activism. She earned an M.A. from Columbia University in the City of New York, alongside a B.A. in Spanish Language & Literature and a B.A. in Interdisciplinary Studies from North Carolina Central University.

[2] Madeira, Z. and Daine de Oliveira Gomes, D. (2018). "Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo." Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n. 133, p. 464,. http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.154.

[3] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2024. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/en/agencia-news/2184-news-agency/news/38726-2022-census-self-re ported-brown-population-is-the-majority-in-brazil-for-the-first-time.

[4] Oliveira, S. (2022). "Cidade de Deus: 20 anos de impacto cinematográfico," Em Pauta. Tavares, C. (2022). "Cidade de Deus (2002) – Uma Obra-prima do Cinema Brasileiro," Crônica e Comentários.

[5] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, 6-7. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[6] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 15. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[7] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 12. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[8] Lund, K., & Fernando, M. (2002). Cidade de Deus (City of God). United States: Miramax Home Entertainment, 02:10.09. https://www.imdb.com/title/tt0317248/.

[9] Lund, K., & Fernando, M. (2002). Cidade de Deus (City of God). United States: Miramax Home Entertainment. https://www.imdb.com/title/tt0317248/.

[10] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 156. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[11] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 88. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[12] Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press, p. 156. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

[13] Lund, K., & Fernando, M. (2002). Cidade de Deus (City of God). United States: Miramax Home Entertainment, 02:10.09. https://www.imdb.com/title/tt0317248/.

[14] Pérez-Ratton, V., Herkenhoff, P., Paola Malavasi Lachner, M., A. Lopez, M., & Carmen Ramírez, M. (2019). "Central America: Desiring a Place." (UNAM) Ciudad de México, CDMX: Museo Universitario Arte Contemporáneo (MUAC)/San José, Costa Rica: Teorética, 159. https://muac.unam.mx/assets/docs/folio_076_virginia_perez-ratton.pdf.

BIBLIOGRAFIA

Lund, K., & Fernando, M. (2002). Cidade de Deus (City of God). *United States: Miramax Home Entertainment*, 02:10.09. https://www.imdb.com/title/tt0317248/.

Pérez-Ratton, V., Herkenhoff, P., Paola Malavasi Lachner, M., A. Lopez, M., & Carmen Ramírez, M. (2019). "Central America: Desiring a Place." (*UNAM*) Ciudad de México, CDMX: *Museo Universitario Arte Contemporáneo (MUAC)*/San José, Costa Rica: Teorética, 162-280. https://muac.unam.mx/assets/docs/folio_076_virginia_perez-ratton.pdf.

Smith, C. (2016). Afro-Paradise: Blackness, Violence, and Performance in Brazil. *Urbana-Champaign, Chicago, and Springfield: University of Illinois Press*, p. 1-304. https://doi.org/10.5406/illinois/9780252039935.001.0001.

Madeira, Z. and Daine de Oliveira Gomes, D. (2018). "Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo." *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 133, p. 463-479. http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.154.